
**TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOCENTE: SONHO, DESAFIOS E
ESPERANÇA****TEACHER CAREER PATH: DREAM, CHALLENGES AND HOPE****LA CARRERA PROFESIONAL DEL PROFESOR: SUEÑOS,
DESAFIOS Y ESPERANZA****Vanda Moreira Lima Machado¹***vanda.mm.lima@unesp.br***Cássia Carolina Piva²***cassiacarolinapiva@gmail.com***Izabela Cruz Faccioli³***izabelafaccioli@gmail.com*

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo refletir sobre a trajetória profissional de uma mulher, profissional da educação que iniciou sua carreira docente como professora em uma escola rural e, atualmente, é diretora efetiva em uma escola de assentamento. Recorremos a entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo. Na análise da entrevista evidenciamos seu perfil profissional, suas vivências na escola do campo e a articulação entre ser mulher e ser professora. Constatamos que temos muitos desafios a serem superados para alcançarmos uma escola pública de qualidade, que compreenda suas especificidades, como a educação do campo e valorize seus profissionais, enfatizando nesse artigo a mulher. Faz-se necessário ter sonhos, buscar a utopia, conhecer e compreender os desafios atuais, mas principalmente ter esperança e lutar por uma educação de qualidade e uma sociedade justa e democrática.

Palavras-chave: Mulher; Educação do campo, Trajetória profissional, Professora.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the career path of a woman, a professional who started her educational career as a teacher at a rural school and is currently the headmaster of a settlement school. The semi-structured interview and content analysis were used. The interview analysis evidenced her professional profile, her experiences at the countryside school and the linkage between being a woman and being a teacher. We found out that many challenges need to be overcome to achieve a public school of quality that will understand its specific characteristics, such as rural education, and that will cherish its professionals, particularly the woman, as this article emphasizes. It is necessary to have dreams, to search utopia, knowing and understanding the

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora em Educação na Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente.

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente.

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente.

current challenges, but especially to have hope and to fight for an education of quality and a more just and democratic society.

Keywords: Woman; Rural education, Career path, Teacher.

RESUMEN: Este artículo pretende reflexionar sobre la carrera de una mujer, profesional de la educación que inició su carrera docente como profesora en una escuela rural y es actualmente la directora de una escuela del asentamiento. Se utilizan la entrevista semiestructurada y el análisis de contenido. El análisis de la entrevista mostró su perfil profesional, sus experiencias en la escuela y la vinculación entre ser mujer y ser una profesora. Averiguamos que tenemos muchos desafíos que superar para lograr una escuela pública de calidad, que comprenda sus características específicas, como la educación rural y la valorización de sus profesionales, destacando en este artículo la mujer. Es necesario tener sueños, utopía, saber y entender los desafíos actuales, pero también tener esperanza y luchar por una educación de calidad y una sociedad más justa y democrática.

Palabras clave: Mujer; Educación, Carrera, Profesor.

INTRODUÇÃO

Participando de um projeto de pesquisa junto as escolas de assentamentos no Pontal do Paranapanema, SP, tivemos a oportunidade de conhecer inúmeros profissionais da educação que lutam diariamente, mesmo diante das adversidades da profissão, por uma escola pública de qualidade e democrática.

Destacamos nesse artigo a trajetória de uma mulher, profissional da educação que iniciou sua carreira docente como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola rural e, atualmente, é diretora efetiva da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo numa escola de assentamento no Pontal do Paranapanema, SP.

Suas vivências no magistério além de nos emocionar, nos provocou reflexões e questionamentos sobre atuar em escolas de assentamentos, além do significado de ser mulher e ser professora.

Para esse artigo nosso objetivo foi refletir sobre a trajetória profissional da nossa entrevistada, enfatizando seu perfil profissional, suas vivências na escola do campo e a articulação entre ser mulher e ser professora.

Decidimos convidá-la a nos ceder uma entrevista semiestructurada. A entrevista semiestructurada é uma “técnica de coleta de dados que supõe uma conversação contínua entre informante de acordo com seus objetivos” (DUARTE, 2004, p. 147). A entrevista

envolve uma relação pessoal entre pesquisador e sujeito, o que facilita o diálogo e a reflexão do teor da entrevista.

Desenvolvemos a entrevista em 2018 na escola em que a profissional atua, com duração aproximada de uma hora e 20 minutos. A entrevista foi gravada, posteriormente transcrita e recorremos à técnica de análise de conteúdo (FRANCO, 2008), na qual elaboram-se as categorias a partir da análise da resposta escrita dos sujeitos

Estruturamos o artigo apresentando o perfil dessa profissional e seu sonho em ser professora, posteriormente enfatizaremos suas vivências relacionadas a educação do campo e finalizamos o artigo com uma reflexão sobre os desafios em ser mulher e professora no quadro do magistério.

SONHO DE SER PROFESSORA

Ao apresentarmos o artigo para nossa entrevista, a mesma solicitou-nos que seu nome e dados da escola fossem divulgados.

Nossa entrevistada chama-se Raimunda Alves da Silva Oliveira que atua como diretora na Escola Estadual Fazenda São Bento que foi criada em 1996 na zona rural do município de Mirante do Paranapanema, mediante a luta dos acampados, atualmente assentados, para atender a demanda da comunidade. A escola atende exclusivamente filhos de assentados que estudam o Ensino Fundamental e Médio, em três períodos, num total aproximado de 500 alunos.

Nossa entrevistada é uma mulher que se origina de uma família humilde que pela necessidade começou a trabalhar muito cedo

Casou-se aos 15 anos de idade. Casamento que em vários momentos da entrevista foi citado um carinho, um amor e uma cumplicidade intensa entre ela e seu parceiro.

Comecei a trabalhar muito cedo. [...] Com treze anos eu já era responsável por um depósito [...] depois desse mercado, eu fui trabalhar nas casas Pernambucanas[...] Aquela época, a criança podia trabalhar[...] Com quinze anos de idade eu me casei [...] meu pai só pediu uma coisa para o meu marido, né “deixa ela ir estudar”[...] Ele sabia que meu sonho era ser professora, então eu tinha um objetivo. (Diretora entrevistada, 2018).

Na 5ª série, atual 6º ano do ensino fundamental se encantou com o brilho no olhar e o prazer de lecionar de uma docente que lecionava a Língua Estrangeira, o Inglês e decidiu naquele momento que seria professora. Que buscaria esse mesmo brilho no olhar. Fazer faculdade, ter uma vida diferente de sua família.

Cheguei em casa, fui falar pra minha mãe e pro meu pai [...]eu já decidi que quando eu crescer eu quero ser professora. Eu vou fazer uma faculdade. Eu quero ser professora'. Ai, meu pai falou assim, com olho triste [...] 'Filha, pai não tem condição de pagar uma faculdade pra você. Então... vai trabalhando, quem sabe um dia' [...]eu fiquei assim, um pouquinho desanimada [...] dei uma pensadinha [...] eu vou escrever a minha história. (Diretora entrevistada, 2018).

Para alcançar seu sonho em ser professora teve que se esforçar e se dedicar muito, afinal a família não tinha condições para financiar seus estudos. Ela cursou a antiga Habilitação Específica para o Magistério (HEM) em nível médio, extinta no estado de São Paulo em 2006. Logo ingressou na docência como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com seu trabalho conseguiu financiar sua faculdade em Letras e, posteriormente em Pedagogia.

[...] fiz o primeiro colegial. No segundo ano a gente podia optar[...] Eu optei pelo magistério. Lógico! (risos) Sem dúvidas.[...] vi que seria possível ser professora, porque não iria pagar faculdade [...] Eu vi meu sonho se realizando. Do magistério com muito empenho, muita dedicação, e aí eu me formei[...] tive a oportunidade já de pegar uma sala de aula. [...] Substitui pouco. Pouquinhos dias e logo peguei uma sala [...] Em oitenta e oito [...] foi um desafio muito grande [...] numa alegria [...] Olha, hoje eu sou professora, e eu falava "eu sou professora com muito orgulho" [...] Acho que não tinha médico (risos). Não teria tanta importância quanto ser professora. E assim, foi muito bom, uma experiência maravilhosa (Diretora entrevistada, 2018).

Após as vivências na docência dos anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas rurais, nossa entrevistada atuou com estagiária, professora do ciclo II do Ensino Fundamental e Ensino Médio, vice-diretora e após longa jornada foi aprovada no concurso público e se tornou diretora. Iniciou como diretora efetiva no município de São Paulo e conseguiu em 2018 retornar para a escola na qual ingressou no magistério como professora. Ela poderia ter escolhido outras escolas, inclusive urbana, mas afirmou "Não,

eu vou pra São Bento [...] Quando eu cheguei aqui, não era a escolinha que eu tinha deixado a trinta anos atrás, era essa escolona” (Diretora entrevistada, 2018).

Uma escola que no passado atendia filhos de acampados, e, atualmente, após muitas lutas se tornou uma escola de assentamento.

EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DO SUJEITO

A Educação do Campo nasceu em um contexto bastante opressor e injusto, vindo como uma crítica a Educação Brasileira, em especial, a desvalorização do saber do campo e as péssimas condições de trabalho e vida dadas aos camponeses. Tratando-se de Educação do Campo, é importante destacar que o protagonista dessa educação é o movimento social dos camponeses, ou seja, a luta é humanizadora e contribui para a formação dos trabalhadores. Essa formação dignifica o camponês, valoriza o seu trabalho, a sua terra, sua cultura e sua luta social (CALDART, 2009).

Nossa entrevistada iniciou sua atuação profissional em escolas rurais, vivenciando situações desafiantes e complexas como lecionar em salas multisseriadas e ser responsável pela alimentação dos alunos.

Minha turma foi multisseriada [...] com quatro séries, com a lousa dividida em quatro partes, o fogãozinho no final da sala [...] passava a matéria, pegava aqueles alunos, por exemplo, da quarta série que estavam mais adiantados, me ajudavam com a primeira série, com a segunda série enquanto eu ia lá e mexia a sopa [...] Era uma escola rural (Diretora entrevistada, 2018).

Ao compreendermos o campo não mais como “rural”, lugar de atraso, mas como um espaço de construção de uma vida cultural, social, política e econômica, entenderemos que a escola do campo não é um ambiente excludente, que segrega o camponês, mas que conhece suas especificidades e inclui esse sujeito, por meio de uma prática pedagógica libertadora (ANTONIO; LUCINI, 2007).

Outros desafios apontados pela diretora referem-se à formação de professores para o contexto do campo e o deslocamento dos professores para a escola do campo.

[...] foi bastante difícil, mas me realizava [...] apesar de não ter muita instrução pra isso, a gente não tinha, um pessoal pra me orientar, como trabalhar o campo [...], mas, eu assim, na minha curiosidade, levava os moleques pra contar os matinhos em volta da escola [...] quando eu ia ensinar matemática eu levava eles na horta, pra contar os pés de cebolinha. (Diretora entrevistada, 2018).

Atualmente a escola tem estabelecido diversas parcerias para minimizar esse desafio de formação, como cursos sobre Educação do Campo junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Diretoria de Educação de Mirante do Paranapanema, a parceria com a universidade, principalmente no coletivo do Centro de Estudos do Trabalho, ambiente e Saúde (CETAS).

Então para eu chegar aqui no assentamento, eu tinha que sair de casa quatro horas da manhã, porque eu saía com um ônibus que vinha pegando os alunos [...] o ônibus andava muito devagar, porque ele era bem velhinho[...] Na época tinha eu, e tinha mais duas professoras [...] Meio dia e vinte, meio dia e meia terminava a aula; a gente saía devolvendo esses alunos. Chegava em casa quase duas horas da tarde. (Diretora entrevistada, 2018).

O desafio que se destacou nas falas da diretora, foi a desvalorização docente e as dificuldades da profissão nesse contexto, pois é no campo que constatamos a ausência de investimento em formação continuada aos educadores e educadoras e poucos desses foram preparados durante a sua formação inicial para atuarem nessa realidade (FERNANDES, CERIOLI, CALDART, 2004). Mesmo diante desse cenário, o docente encontra alternativas para superar tais desafios, estudando e buscando conhecimentos acerca de práticas pedagógicas ideais para o campo, transformando tais conhecimentos em ações que promovam discussões com seus alunos, que se tornem ações fora da escola e possibilitem o estudo e a criação de debates com a sua turma. (MOLINA, 2002).

Conforme Caldart (2002), poucos governos olharam para a escola do campo e esse cenário se estende até os dias de hoje, a falta de investimentos e políticas públicas para o sujeito de direitos do campo é um traço marcante em um processo árduo e longo de muita luta pela transformação dessa realidade. Uma realidade que enfrenta inúmeros desafios, além dos citados pela nossa entrevistada, podemos mencionar: falta de escolas, falta de infraestrutura; falta de uma política que valorize o educador, falta apoio às iniciativas de renovação pedagógica, há currículos deslocados das necessidades e das questões do campo,

altos índices de analfabetismo e a nova geração está sendo deseducada para viver no campo.

Pensar uma escola do campo é pensar em uma escola que permita que seus alunos construam e participem dos seus processos de emancipação e educação, dando a eles a possibilidade de traçar seus próprios destinos (CALDART, 2002). Observemos o quão importante a escola do campo é para o próprio desenvolvimento do campo:

[...] a escola hoje ela tem a função, primordial, [...] ter um alinhamento com o jovem, com esse jovem, com esse aluno, valorizando o projeto de vida dele e colocando ele como protagonista do seu papel na sociedade [...] a nossa função é essa, é oferecer condições, é mostrar caminhos para que eles se descubram e eles trilhem o caminho [...] mostrar pra ele, que existe o mundo lá fora, que eles precisam mesmo cursar uma faculdade, mas que eles retornem, [...] que eles enriqueçam com conhecimento lá fora, mas que eles voltem aplicar aqui. (Diretora entrevistada, 2018).

Diferentemente dos alunos da cidade, os alunos do campo valorizam a escola que conquistam, devido ao processo histórico de luta por seus direitos, reconhecem a importância desse espaço para o povo do campo, para esse coletivo. Utilizamos o termo coletivo, pois há uma desconstrução do individualismo no campo, portanto, a Educação do Campo não olha para um indivíduo específico, mas para um coletivo diversificado, com uma mesma identidade, a luta pelo combate à desigualdade social. O coletivo tem poder de transformação, construção e mudança (CALDART, 2009). A diretora entrevistada afirma essa distinção em uma de suas falas durante a entrevista:

[...]Assim, na escola rural, na escola do campo [...] a escola é o *point* [...] ela tem que ter atividade atrativas para que eles venham e eles gostem da escola [...] tem que ser um ambiente agradável, tem que ser um ambiente acolhedor, ele tem que transmitir conhecimento [...], mas eles também têm uma característica diferente, que é o amor pela escola [...] na cidade, qualquer motivo, é motivo para eles saírem [...] aqui eles têm a escola e eles gostam da escola [...] e o cuidado que eles têm com a escola, [...] não tem característica de uma escola que tenha vandalismo [...] como a gente vê na escola urbana. (Diretora entrevistada, 2018).

Além disso, a diretora traz em sua fala uma questão muito importante, não só para a escola do campo, mas para toda escola brasileira “[...] quando você conhece a família, quando você conhece de onde o aluno vem, nossa, é tudo muito mais fácil, porque você

ganha mais o respeito deles[...]”. Essa fala, mostra o quão relevante é a presença dos professores e gestores na participação das lutas sociais, eventos, contexto da comunidade em que estão inseridos, fortalecendo o vínculo com os alunos e seus familiares, trazendo-os mais perto da escola, em busca de uma gestão democrática.

SER MULHER E SER PROFESSORA: ALGUNS APONTAMENTOS

No Brasil constatamos que a maioria dos professores que atua na Educação Básica, de modo especial na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental são do sexo feminino. Isso é um fato.

Com a evasão em massa dos homens do exercício da docência no período do século XX, por questões de desvalorização da profissão, baixos salários e pouca autonomia, e em uma sociedade em efervescência econômica, atuar no magistério, tornou-se assim, na vida de algumas mulheres, uma oportunidade para conseguirem a “condição desejável e a possível de se obter”, pois “era aceitável que as mulheres desempenhassem um trabalho, desde que este significasse cuidar de alguém” (ALMEIDA, 1998, p. 32), sendo um cruzamento, da esfera pública com a esfera privada, pois proporcionava uma conciliação entre as atividades profissionais com as atividades domésticas.

De um lado, o magistério era a única profissão que conciliava as funções domésticas da mulher, tradicionalmente cultivadas, os preconceitos que bloqueavam a sua profissionalização, com o movimento em favor de sua ilustração, já iniciado nos anos 70. De outra parte, o magistério feminino apresentava-se como solução para o problema de mão-de-obra para a escola primária, pouco procurada pelo elemento masculino em vista da reduzida remuneração. (TANURI, 2000, p. 66).

Mesmo que o magistério se apresentasse como uma porta de entrada para as mulheres alcançarem espaço na vida pública, não significava que eram para todas aquelas que quisessem adentrar a vida docente.

Constatamos a luta, a dedicação e o empenho de nossa entrevistada em alcançar seu sonho de ser professora. E quando ingressou no magistério o desafio foi conciliar a profissão e o cuidar dos filhos e da família.

[...] já tinha três filhos. Eu tive assim, um atrás do outro [...] minhas três crianças pequenas, apesar de todo apoio que meu marido me dava e me dá até hoje, não era fácil [...] ele já tinha dado almoço para as crianças, mas eu tinha que dar uma olhadinha na tarefa de casa, eu tinha que ver como é que estavam as coisas [...] e preparar já para cinco horas a gente saía de Mirante para Venceslau para a faculdade [...] chegava em casa meia noite [...] dormia três/quatro horas por noite. (Diretora entrevistada, 2018)

Essa descrição evidencia a luta dessa profissional para continuar no magistério, mas também descreve um cotidiano de muitas mulheres que diariamente buscam conciliar o trabalho, o estudo e o cuidado com suas famílias.

Como diretora tem vivenciado constantemente situações das professoras que atuam na escola e que precisam faltar devido a questões de saúde dos filhos, dos pais ou de outros familiares. As vezes de acordo com a diretora, acontece de uma sala, uma turma de alunos ficar sem aula por não ter professor substituto.

[...] liga de última hora, coitada. “Olha tô faltando, porque preciso levar meu filho ao médico” “Olha tô faltando, porque preciso cuidar da minha mãe que é idosa e não tem quem leve ao médico”. Acontece[...] Infelizmente. Às vezes ficamos sem aula, porque não tem professor para substituir[...] Então, não é fácil conciliar, as vezes por mais que a gente vê que tem professor que sente em faltar. A gente até sente na voz, um certo respeito, um certo constrangimento em ter que faltar, mas a gente tem que entender. (Diretora entrevistada, 2018)

A entrevista com a diretora da escola revela os desafios no exercício da docência e que o magistério sempre foi um espaço de luta e resistência dentro de um sistema opressor, principalmente quando pensamos o ato de resistir da mulher no mundo do trabalho. Uma vida profissional, como professora, movida pela paixão em ensinar; pelo compromisso com a educação pública. A história relatada pela mulher, mãe, avó, estudante, professora e diretora mostra que a carreira docente não é movida pela passividade ou subordinação, mas sim, pela esperança e compromisso social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas trajetórias profissionais evidenciam os sonhos, os desafios e as esperanças de mulheres, que são professoras, ou atuam em outro campo profissional. Mas não

desistem da luta, resistem e merecem espaço para contar sua história, refletir sobre sua própria trajetória.

Verificamos na trajetória de nossa entrevistada uma luta pela valorização e pela qualidade da escola do campo, pois um educador que reconhece seu papel dentro da escola do campo, é capaz de construir com seus alunos uma Educação do Campo, que Caldart (2009, p.41) defende, “um *do* que não é dado, mas que precisa ser construído pelo processo de formação dos sujeitos coletivos [...]”.

Conciliar a docência e o ser mulher é um desafios imenso, mas “[...] o ato de educar outro ser humano é difícil, exige força interior e vontade” (ALMEIDA, 2009, p. 21), além de formação qualificada, condições de trabalho adequadas, e coragem para lutar, desafiando todos os dias uma cultura do machismo, um sistema capitalista que produz cada vez mais desigualdade social. Essas professoras são movidas por uma esperança,

Uma esperança e uma fé que têm sido sistematicamente destruídas a cada educadora que deixa o magistério em busca de melhores salários para poder sobreviver e a cada criança que não pode permanecer na escola por culpa das desigualdades sociais. São esses atributos, ancorados na dimensão afetiva inerente aos seres humanos, que explicam a permanência, a dignidade e o esforço que as professoras projetam na profissão que desempenham e fazem que, apesar de tudo, a escola ainda continue sendo uma das poucas alternativas para se socializar o conhecimento, especialmente para uma grande maioria que chega até ela numa tentativa de escapar a um destino imposto por um sistema social não igualitário (ALMEIDA, 1998, p. 22).

Constatamos que temos muitos desafios a serem superados para alcançarmos uma escola pública de qualidade, que compreenda suas especificidades, como a educação do campo e valorize seus profissionais, enfatizando nesse artigo a mulher. Faz-se necessário ter sonhos, buscar a utopia, conhecer e compreender os desafios atuais, mas principalmente ter esperança e lutar por uma educação de qualidade e uma sociedade justa e democrática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: editora UNESP, 1998.

ANTONIO, C.A; LUCINI, M. Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação. **Cadernos Cedes**, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 1 fev. 2019.

CALDART, R.S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2019.

CALDART, R.S. Por Uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E. J. et al. **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Brasília, DF: [s. n.], 2002. p.25-36.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, Editora UFPR, n.24, p.213-225. 2004.

FERNANDES, B.M; CERIOLI, P.R, CALDART, R.S; Primeira Conferência Nacional “Por Uma Educação Básica do Campo. In: ARROYO, M.G. et al. **Por Uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p.19-62.

FRANCO, M. L. P. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

MOLINA, M.C. 13 Desafios para Educadores e Educadoras do Campo. In: KOLLING, E. J. et al. **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Brasília, DF: [s. n.], 2002. p.37-43.

TANURI, L. M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**. maio/jun./ago. 2000, n. 14., p.61-88.

Submetido em: fevereiro de 2019.

Aceito em: abril de 2019.